

# AS METAMORFOSES DO ENVELHECER FEMININO À LUZ DOS CORPOS E DOS AFETOS

Data de aceite: 03/04/2023

**Angela Virgínia Brito Ximenes**

ORCID 0000-0003-1249-2172

**RESUMO:** Os estudos sobre as velhices femininas sobretudo em seus aspectos sociais/culturais ganharam maior pertinência na última década com os recentes avanços dos estudos interdisciplinares, iter e transeccionais envolvendo fatores tais como gênero, raça e etnia, por exemplo. Abordar o envelhecimento humano não é mais exclusividade do campo de estudo da gerontologia - nascida na década de 1940. As colaborações advindas de investigações qualitativas e quantitativas das Ciências Humanas e Sociais promovidas pelas novas fontes de pesquisa sobre o tema trouxeram a dinamicidade de informações que as múltiplas velhices demandam. As transversalidades de estudos analisadas por novos olhares epistemológicos nas temáticas

de gênero, nos novos arranjos familiares, no bem-estar coletivo/individual, na ética do cuidado, nas relações intergeracionais, na exaltação ao empreendedorismo e autonomia, no eventos históricos produzidos em diferentes épocas e espaços produzem novos contornos no investigar o envelhecimento na contemporaneidade. Nessa perspectiva com o objetivo de levantar algumas reflexões sobre o multifacetado processo de envelhecimento feminino em suas transformações internas e externas formulamos este texto à luz de dois textos: o conto “A Procura de Uma Dignidade” (LISPECTOR,2016)<sup>1</sup> e “Invocando o afeto: teoria cultural e a virada ontológica.” (HEMMINGS, 2005)<sup>2</sup>. A ideia de mesclar obras de fontes literárias ficcionais da literatura brasileira com teorias feministas (BEAUVOIR, 2018, LORDE, 2019, PATEMAN,1993), para tratar sobre os estereótipos negativos<sup>3</sup>,

1 Clarice Lispector (1920-1977) autora nascida na Ucrânia, mas que sempre se autodeclarou brasileira é reconhecida uma das mais importantes escritoras do século XX, autora de romances, contos, e ensaios. Em várias obras de Lispector as mulheres idosas surgem em tons de melancolias, silenciamentos e exclusões. Por muitos anos ela foi relegada a uma categoria mais baixa dentro do mundo literário por diversos revisores e críticos. Não gostava de ser comparada à Virgínia Woolf porque esta havia desistido: “O horrível dever é ir até o fim.” (Moser,2016)

2 Clare Hemmings é professora de Teoria Feminista e Estudos de Sexualidade na London School of Economics and Political Science desde 1999. É autora da obra *Why Stories Matter* (2011) que trata sobre a importância de narrar histórias dos diversos feminismos, sobretudo com o foco problemático das uniformidades narrativas da história do feminismo ocidental.

3 Walter Lippmann definiu o conceito de estereótipo como a imagem típica que surge na mente quando se pensa num

predominantemente, presentes nas mulheres mais velhas coaduna com a necessidade de análises mais refinadas quando tratamos das múltiplas velhices e feminismos no mundo ocidental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres, velhices, corpos, afetos, interdisciplinaridade.

## 1 | INTRODUÇÃO

Liberdade das restrições opressivas impostas pelo sexo significa liberdade das restrições biológicas e sociais. Autodeterminação significa ser livre para decidir o próprio destino; ser livre para definir seu papel social; ter a liberdade de tomar decisões referentes ao próprio corpo. Autonomia significa conquistar o próprio status, não obtê-lo por meio de herança ou casamento; significa independência financeira; liberdade de escolher seu estilo de vida e vivenciar sua orientação sexual – tudo isso sugere uma transformação radical de valores, teorias e instituições existentes (Lerner, 2019, p.287).

A diversidade social em suas profusas formas necessita de uma contínua e evolutiva compreensão das dimensões metodológicas, ontológicas, teórico-epistemológicas nas pesquisas acadêmicas, assim acontece as mais recentes investigações sobre o envelhecimento feminino. Para o compositor brasileiro Arnaldo Antunes (2009)<sup>4</sup> o envelhecer é a coisa mais moderna que existe nessa vida, mas o que é a velhice? Concebemos inicialmente a representação de que o processo de envelhecimento não ocorre de maneira homogênea em todos os organismos (BEAUVOIR, 2018), de fato a longevidade depende de fatores biológicos, sociais, políticos, econômicos, mentais, dentre outros, interagindo mutuamente ou não. É portanto processo com várias dimensões e dinamicidades provocando desdobramentos e debates. É urgente abrirmos os horizontes do envelhecer e aproximá-lo à realidade social existente sem sobrepujar os símbolos, crenças, valores e discursos pertinentes aos processos da vida cotidiana que sempre é mutável. Temos que lidar com o envelhecimento durante todo o processo evolutivo desde que nascemos e o dilema entre morrer prematuramente ou envelhecer é real, não existe outra alternativa.

Entre fardos e prazeres o envelhecimento ganhou relevância a partir do século XX com a mudança demográfica mundial. O envelhecimento populacional e a transição demográfica resultaram da associação de dois eventos: o declínio da taxa de fertilidade (a taxa global de fertilidade caiu de 3,2 nascimentos por mulher em 1990 para 2,5 em 2019), e do declínio da taxa de mortalidade (a expectativa de vida global aumentou de 64,2 anos em 1990 para 72,6 anos em 2019 e deve aumentar para 77,1 anos em 2050). Globalmente, o número de pessoas com 80 anos ou mais deverá triplicar até 2050 passando de 137 milhões em 2017, para 425 milhões em 2050 como revela dados do United Nations Regional

---

determinado grupo social. Assim, o estereótipo é visto como um esquema cognitivo utilizado na percepção social quando se processa informação sobre os outros. Lippmann, W. (1922). Public opinion. New York. Transaction Publishers Disponível em: [https://monoskop.org/images/b/bf/Lippman\\_Walter\\_Public\\_Opinion.pdf](https://monoskop.org/images/b/bf/Lippman_Walter_Public_Opinion.pdf)  
4 Arnaldo Antunes compôs a música “Envelhecer” que faz parte do Cd “lê lê lê” de 2009.

Information Center (UNRIC)<sup>5</sup>, e até 2050, uma em cada seis pessoas no mundo terá mais de 65 anos, cerca de 16%. No Norte da África e a Ásia Ocidental, Ásia Central e do Sul, Leste e Sudeste da Ásia e América Latina e Caribe, a proporção da população com 65 anos ou mais deve dobrar até 2050. No mesmo período, uma em cada quatro pessoas que vivem na Europa e na América do Norte pode ter 65 anos ou mais<sup>6</sup>.

Mudanças demográficas demandarão novas dinâmicas na promoção de planos e programas sociais, políticos e econômicos específicos que atendam ao público mais longo.

*In demographic analysis, age 60 is typically taken as the dividing line between older and younger cohorts of the population. On the other hand, many people, especially in the developed countries, think of 65 as the cut-off point because it is at this age that many people become eligible for full pension and social security benefits for older persons; but such a cut-off point does not apply everywhere else. Old age, then, cannot be defined exactly because the concept does not have the same meaning in all societies. Nor, with the steady expansion of life expectancy, does it correspond to a specific time span. (WORLD ECONOMIC AND SOCIAL SURVEY 2007, p.31)<sup>7</sup>*

Assim como o gênero e a raça/etnia, o campo etário ganha cada vez mais destaque nas interpelações analíticas no cenário social contemporâneo, onde seus diferentes sujeitos podem ser olhados mais analiticamente privilegiando a comunicação desses marcadores na produção de identidades. As representações identitárias das mulheres longevas não estão limitadas aos documentos oficiais que trazem suas datas de nascimentos, elas podem ser exploradas através de novos projetos, relações e perspectivas existenciais. Historicamente a denominação “velho” sempre foi acompanhada por adjetivos preconceituosos e pejorativos como: decadência, inutilidade, dependência, pobreza e doença (KACHAR, 2003). Dentre vários marcadores utilizados para classificar as pessoas como idosas o etário é o mais convencional é o caso, por exemplo, da Organização Mundial da Saúde (OMS) que considera como pessoa idosa aquela que possui 60 anos ou mais se residentes em países em desenvolvimento, e com 65 anos e mais se residentes em países desenvolvidos. No entanto, se partirmos da ideia de que o envelhecimento está vinculado a um processo biológico de declínio das capacidades físicas - fragilidades psicológicas e comportamentais - o estar saudável deixará de ser relacionado com a idade cronológica passando a ser compreendido como a capacidade do organismo de responder às necessidades da vida

5 United Nations Regional Information Center (UNRIC), localizado em Bruxelas, presta serviços de informação a 22 países da Europa: Andorra, Alemanha, Bélgica, Chipre, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Malta, Mônaco, Noruega, Países Baixos, Portugal, Reino Unido, Santa Sé, São Marino e Suécia. Site: <https://unric.org/pt/envelhecimento/Acessado em 14.01.23>

6 <https://news.un.org/pt/story/2019/06/1676601>

7 Na análise demográfica, a idade de 60 anos é normalmente considerada como a linha divisória entre os mais velhos e os mais jovens coortes da população. Por outro lado, muitas pessoas, especialmente nos países desenvolvidos, pensam em 65 anos como o ponto de corte porque é nessa idade que muitas pessoas se tornam elegíveis para pensões integrais e benefícios previdenciários para idosos; mas tal ponto de corte não aplicar em qualquer outro lugar. A velhice, então, não pode ser definida exatamente porque o conceito não têm o mesmo significado em todas as sociedades. Nem, com a constante expansão da expectativa de vida, correspondem a um intervalo de tempo específico. (WORLD ECONOMIC AND SOCIAL SURVEY 2007, p.31. Trad. autora)

cotidiana de buscar novos objetivos e conquistas. Múltiplas definições de velhices surgiram ao longo dos séculos, novas formas de definição com a aferição de atributos como visão, capacidade procriativa, aposentadoria, são alguns dos parâmetros manifestados (THANE, 2003). O envelhecimento pode então assumir categorização em função dos seus aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais de forma isolada ou integrada dependendo das considerações levantadas.

<b>ANITA NERI &amp; MEIRE CACHIONI (1999)</b>	<b>FRAIMAN (1995)</b>	<b>GUIA DEBERT (2000)</b>
<p>O modo de envelhecer depende de como o curso de vida de cada pessoa, grupo etário e geração é estruturado pela influência constante e interativa de suas circunstâncias histórico-culturais, da incidência de diferentes patologias durante o processo de desenvolvimento e envelhecimento, de fatores genéticos e do ambiente ecológico”</p>	<p>O envelhecer não é somente um ‘momento’ na vida de um indivíduo, mas um ‘processo’ extremamente complexo e pouco conhecido, com implicações tanto para quem o vivencia como para a sociedade que o suporta ou assiste a ele.</p>	<p>As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras épocas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. Contudo o nosso entusiasmo com a terceira idade e o sucesso desse movimento não podem impedir o reconhecimento da precariedade dos mecanismos de que a sociedade brasileira dispõe para lidar com a velhice avançada, com as situações de abandono e de dependência, com a perda das habilidades cognitivas, físicas e emocionais que acompanham o avanço da idade.</p>

Quadro 1 - Algumas Abordagens Teóricas/Conceituais sobre a Velhice

Fonte: Adaptação feita pela autora, 2023.

MINAYO (2001)	SARA GOLDMAN (2021)	SIMONE DE BEAUVOIR (2018)
<p>O retrato que é feito em relação aos padrões de beleza que adotam o jovem como símbolo, recebe um veredicto de quem o produz e de quem o contempla. É o veredicto que assinala a velhice como problema e como doença. O envelhecimento não é um processo homogêneo. Cada pessoa vivencia essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais a eles relacionados, como saúde, educação e condições econômicas.</p>	<p>O envelhecimento como um processo complexo que ocorre em cada pessoa, individualmente, mas condicionado a fatores sociais, culturais e históricos, que vão rebater na sociedade como um todo, envolvendo os idosos e as várias gerações. Por seu caráter multifacetado, o envelhecimento abarca múltiplas abordagens: físicas, emocionais, psicológicas, sociais, econômicas, políticas, ideológicas, culturais, históricas, dentre outras. A conjuntura marca as diversas formas viver e de conhecer o envelhecimento, assim como as determinações culturais tomam formas diferenciadas no tempo e no espaço. Outro diferencial se refere à posição de classe social que os indivíduos ocupam.</p>	<p>Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar(...). Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abrigada por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como párias.</p>

Quadro 2 - Algumas Abordagens Teóricas/Conceituais sobre a Velhice

Fonte: Adaptação feita pela autora, 2023.

A plena cidadania das mulheres ainda enfrenta sistemáticas obstruções na arena atual (PATEMAN, 2010), com a velhice das mulheres semelhantes entraves sociais, econômicos e políticos são vivenciados. Velhismo, idadismo, etarismo, ageismo<sup>8</sup> são expressões que excluem as pessoas por causa da idade e que por analogia nos remetem ao racismo e ao sexismo que discriminam as pessoas por causa da cor ou do gênero. A designação da velhice como Terceira Idade ou Melhor Idade recai muitas vezes na negligência de não observar a realidade das más condições sociais impostas a população idosa. Vivemos em tempos em que a juventude não é mais uma fase da vida, e sim um valor, envelhecer é perder valor (BRUM, 2012).

*No contexto em que o envelhecimento se transforma em um novo mercado de consumo, não há lugar para a velhice, que tende a ser vista como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. (DEBERT, 1999, p. 227).*

8 Em 1969, o geriatra e gerontólogo norte-americano Robert Butler, em meio à polêmica construção de um residencial para idosos nos Estados Unidos, na qual os vizinhos se opuseram à iniciativa, identificou na atitude sinais não somente de racismo, mas também de **preconceito pelo idoso**. E à semelhança de "racism" e "sexism", cunhou o termo que se tornaria mundialmente conhecido para essa prática milenar "ageism". Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/opinia/noticia/2019/10/ageismo-o-mais-universal-dos-preconceitos-ck1mg8hw405a101r2yjwni6jl.html> Mesmo sendo possível compreender as expressões idadistas contra os diferentes grupos etários neste trabalho a discussão do idadismo se restringirá aos preconceitos em relação às pessoas mais velhas.

A emancipação feminina é processo e não somente um fim em si mesmo, o que poderíamos chamar de um redirecionamento dos lugares das mulheres velhas na sociedade contemporânea coincide com análise desse contínuo movimento social e familiar na luta em defesa dos seus direitos. Marca bastante no enfrentamento da velhice uma outra questão: o das afetividades e suas assimetrias sob a perspectiva de entendimento social e político. Segundo Cynthia Sarti (2001) a perda do sentido da tradição aliada aos processos de individualização e de automação do sujeito - processos sociais que caminham juntos - trouxeram uma nova configuração familiar, redefinindo o cuidado dos dependentes, ao alterar as relações entre homem e a mulher e entre as gerações.

Com maior liberdade uma mulher velha hoje pode perfeitamente se perceber velha em aliança com a sua própria idade, sem esperar do outro a retórica expressão: “você não é velha, pois não parece ter a idade que tem. É consenso que um dos maiores desafios colocados para as mulheres velhas é a sua convocação ao universo da eterna manutenção da aparência física jovial associada à ideia de vitalidade. Paradoxo posto para o envelhecer feminino: a afirmação de uma verdadeira identidade e a sua (in)satisfação com a beleza corporal. O contorno estético, que define o corpo como um capital cobrando o preço pela eterna juventude e produtividade, somado ao contorno emocional, que impassivelmente impõe o equilíbrio mental constante, desafiam a noção de que a velhice seja apenas uma construção social. Mais do que definir a velhice funcionalmente, cronologicamente ou culturalmente o desafio imposto para as discussões atuais é o não distanciamento da amálgama essencial da solidariedade — em todas suas formas: intergeracional, familiar e social — ao pensar mecanismos viáveis para a promoção do bem-estar social. (CAMARANO & PASINATO, 2004).

## 2 | A DIGNIDADE DE UMA VELHA EM CLARICE LISPECTOR

*A Conferência era capaz de já ter começado. Ia perde-la, ela que se forçava a não perder nada de cultural porque assim se mantinha jovem por dentro, já que até por fora ninguém adivinhava que tinha quase 70 anos, todos lhe davam 57. (LISPECTOR, 2016, p.10.)*

Padrões de beleza estética pertencem aos mais diferentes subjetivismos relacionados aos tempos históricos e suas culturas, mas a sociedade sempre é a pedra de toque para auferir seus valores. Em se tratando das angustias das mulheres velhas, as análises intertextuais de narrativas produzidas pela escritora Clarice Lispector (1920-1977), fornecem importantes pistas sobre os lugares sociais ocupados por elas no século XX. A criação ficcional de Lispector, muitas vezes, se confunde com as suas realidades concretas vivenciadas e suas reflexões existenciais.

*Ao invés de perguntar, por exemplo, “o que realmente aconteceu na década de 70?”, eu quero perguntar “como essa história sobre os anos 70 chega a ser contada e aceita?”. E, seguindo Spivak, “por que quero contar essa história e,*

*ao contá-la, que tipo de sujeito me torno?”. (HEMMINGS, 2009, p.220.)*

No conto “*A procura de uma dignidade*” publicado originalmente em 1974, a personagem Sra. Jorge B. Xavier nos é apresentada como uma mulher de 70 anos desnordeada e desatenta que vive em permanente conflito com a sua idade em suas limitações corporais e reflexos na libido. O texto que foi escrito em plena ditadura militar no Brasil<sup>9</sup> revela constrangimentos sociais e políticos impostos às mulheres em uma época em que o poder e as relações de gênero<sup>10</sup> ditavam a forte presença da dominação masculina.

*Evidencia-se que algo aparentemente inofensivo como a zombaria, o deboche, configura-se como forma de violência, inoculando representações com vistas à conservação do status quo, através da ridicularização de movimentos em prol de mudanças com relação aos papéis exercidos por mulheres e homens na sociedade (SOIHET, 2005, p.19)*

A Sra. Jorge B. Xavier já traz em seu próprio nome a alegoria do patriarcado quando tratada pelo nome de seu marido, sem autonomia, sem identidade. Uma mulher velha buscando constantemente se situar em meio aos labirintos construídos pelo tempo, se perde nos espaços externos e nos sinais do seu corpo que já não é jovem. A marginalização social sofrida pelas pessoas mais velhas de fato repercute diretamente em suas próprias identidades, pois elas muitas vezes se sentem como meras sobreviventes num mundo capitalista que os despreza. Como se o legítimo lugar de pertencimento se inserisse somente tempo passado “no meu tempo” porque a época atual concerne apenas aos jovens (FURTADO, 2018). O texto de Lispector denuncia a ausência de amor próprio da Sra. Xavier diante do seu espelho: “Seus lábios levemente pitados ainda seriam beijáveis? Ou por acaso era nojento beijar boca de velha? Examinou bem de perto e inexpressivamente os próprios lábios.” O desejo sexual e erótico, retorcidos e estrangulados como o próprio conto indica, e a nudez do seu corpo envelhecido indicavam um certo reconhecimento de pulsação de vida presente, ao mesmo tempo em que a atormentavam por serem fontes de críticas sociais. A provocação prossegue: “Então achou muito curioso uma velha nua”. (LISPECTOR, 2016). Trava-se uma espécie de duelo entre o seu próprio o corpo e sua condição de velha, o sentimento de recalque diante das percepções conflituosas entre a imagem corporal e seus desejos sexuais.

*Corpo cujo fundo não se via e que era a escuridão das trevas malignas de seus*

9 A ditadura militar brasileira durou 21 anos (1964-1985), estabeleceu a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime. Tempos de muitas violências repressivas, censuras e extinção de direitos e garantias individuais/sociais/políticas.

10 A criadora do conceito de gênero Joan Scott (1998), escreveu em um texto recente: Por gênero me refiro ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se relaciona simplesmente às ideias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como aos rituais, e tudo o que constitui as relações sociais. O discurso é o instrumento de entrada na ordem do mundo, mesmo não sendo anterior à organização social, é dela inseparável. Segue-se, então, que o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é causa originária da qual a organização social poderia derivar: ela é antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos. Tradução de Ana Maria Colling. Esta citação de Scott não está presente na tradução do livro para o português, mas somente na edição francesa no Prefácio à Edição Francesa. A obra é traduzida no Brasil em 2002. Disponível em: 50 anos da Ditadura no Brasil: questões feministas e de gênero. OPSIS, Catalão, v. 15, n. 2, p. 370-383, 2015.

*instintos vivos como lagartos e ratos. (...). Por que as outras velhas nunca lhe tinham avisado que até o fim isso podia acontecer? (...) Fora da estação. E ela vivia como se ainda fosse alguém, ela que não era ninguém. (LISPECTOR, 2016, p.17)*

*Então a Sr<sup>a</sup>. Xavier sentou-se numa cadeira que tinham posto para ela no corredor, sentou-se empertigada na sua cinta apertada, fora da cultura que se processava defronte na sua sala. (LISPECTOR, 2016,p.17)*

A crônica de Clarice Lispector não nos revela respostas que assegurem a dignidade de uma boa velhice, ela infla um olhar reflexivo e crítico de como a mulher velha pode se perceber em relação ao seu corpo em determinado tempo e espaço. Ela reforça o elemento da alteridade em que a figura do eu e do outro por vezes se opõem e por vezes se identificam, aliás tanto a alteridade como a velhice feminina percorrem a obra “*A procura de uma dignidade*” e outras obras de ficção da autora.

### **3 I DAS AFEIÇÕES EM CLARE HEMMINGS E CONSIDERAÇÕES PARA O ENVELHECER FEMININO**

*A emoção feminista, então, é central para as estórias feministas que contamos, bem como para a forma como as contamos. Desafios a tais estórias, de dentro ou a partir de fora do feminismo, são frequentemente vivenciados e respondidos em um nível emocional, e como resultado um relato dos modos feministas de contar estórias tem de dar atenção aos modos afetivos e técnicos de funcionamento das estórias sobre o passado recente do feminismo. Daí porque é importante, quando estamos passionavelmente envolvidas com a prática acadêmica feminista. (HEMMINGS, 2009)*

O envelhecimento e as mudanças sociais ocorridas a partir da segunda metade do século XX levantaram questionamentos ligados as afetividade e suas vertentes emocionais. Os afetos<sup>11</sup> em suas multiplas subjetividades merecem considerações dentro do campo das relações sociais e do poder político. Na percepção de Clare Hemmings (2005) o afeto quando combinado com as teorias e práticas feministas pode exercer importante papel transformador, no que pese a ideia de que tal sentimento não é autônomo e carrega significado social.

*O ponto de vista feminista é um exemplo útil ao considerar a virada para o afeto porque suas ressonâncias genealógicas ecoam nas últimas décadas, contrariando uma cronologia afetiva cujos defensores priorizam grandes mudanças de maneira que promovam, em vez de advertir contra a generalização. Do ponto de vista, epistemologia e ontologia nunca são*

---

11 Como esclarecimento terminológico os conceitos de: afeto, emoção e sentimento não serão abordados neste trabalho como sendo divergentes. Contribuições contemporâneas de Brain Massumi (2002) e Eve Kosofsky Sedgwick (2003). De acordo com essa perspectiva, os afetos são definidos como intensidades ou forças somáticas que aumentam ou diminuem a capacidade de uma pessoa de agir corpo. Como produtos da experiência sensorial, eles são fenômenos não-conscientes e não-verbais e só adquirem conteúdo semântico quando são tornam-se emoções, isto é, quando são codificadas e narrativizadas de acordo com as normas sociais existir. Ao contrário das emoções, os afetos excedem as convenções culturais, diferem de pensamento consciente, e têm uma dinâmica e uma vida própria que é autônoma do estrutura social. (HEMMINGS CLARE, 2005; SOLANA E VACAREZZA, 2020).



Repensar os afetos para além da paradigmática relação razão (masculino) X sentimento (feminino), a ética do cuidado, a ética da reparação e a sororidade ganharam peso na luta contra as opressões estruturais de um patriarcado<sup>12</sup> historicamente dominante. O envelhecer é um processo complexo e nele os afetos são determinantes para um desenvolvimento com mais sucesso e menos frustrações. É através dos afetos que o ser humano se reconhece e, assim, pode se relacionar e ligar-se ao outros e são, também, esses afetos que influenciam o curso vital (STERN, 1985; 1992). Os afetos são importantes em qualquer idade, no entanto para as pessoas mais velhas eles podem conceber os resgates de memórias com valorização de suas identidades. As pessoas mais velhas são seres que afetam e são afetados, elas interagem com as outras pessoas, ideias, atividades, desejos, ambientes e outros afetos, produzindo vínculos.

O envelhecimento feminino carrega diversos afetos: alegria, tristeza, amor, vergonha, medo, desejo, e tantas outras sensações que compõem o ser humano em sua existência. Guita Debert (2004) avalia que as mulheres velhas em algumas sociedades ocidentais vivenciam uma dupla vulnerabilidade, pois carregam o peso de duas discriminações: uma como mulher e outra como idosa. Ela prossegue afirmando que em muitas culturas as mulheres são valorizadas apenas por seu papel reprodutivo e pelo cuidado com as crianças, a velhice para elas seria então uma passagem antecipada e marcada pelo abandono.

*As Mulheres eram mais cedo consideradas idosas que os homens. Tornavam-se elegíveis para pensões e subsídios em idades mais baixas que os homens, o que muitas vezes estava relacionado com a juventude. A velhice para as mulheres continuava a ser anunciada pela menopausa. (FURTADO, 2018)*

Os afetos em suas dimensões positivas exercem importantes transformações no bem-estar e na qualidade de vida da pessoa velha. São viabilizadas pelas interlocuções entre as gerações, pela valorização das histórias de vida, acolhimentos familiares e sociais, enfim, por um conjunto de ações que estabelecem a percepção de produtividade.

## **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*(...) descobri que aí se instala a verdadeira questão feminina: na emoção. A mulher explodiu, porque explodiu sua emoção. Rompeu com o silêncio de séculos porque o peito transbordou. Ela tem a coragem dos emocionados, a força e a graça dos emocionados. A mais revolucionária das reivindicações femininas é o espaço para as emoções... A independência financeira, o direito ao corpo, a ampliação do espaço do trabalho, tudo isso por que lutam as mulheres não seria nada se não viesse com a força transformadora do espaço*

---

12 O patriarcado enquanto conceito e teoria preconiza inúmeras interpretações. Limitações históricas, geográficas, familiares, políticas, sociais, dentre outras, estão inseridas nos campos dos estudos feministas ao tratar o tema. "abandonar o conceito significaria a perda de uma história política que ainda está para ser mapeada" (Pateman, 1993). O patriarcado citado neste texto não será debatido em suas múltiplas visões, apenas referenciado como uma estrutura que fez parte do nosso passado e que ainda está presente na modernidade. PATEMAN (1993) E WALBY (1990).

*emotivo. E não só para si mesmas. Porque é a mulher principalmente que reivindica o direito masculino de se emocionar, inclusive o direito do homem à participação na vida dos filhos, nos partos, licença pós-parto etc. Mulher quer, gosta, precisa se emocionar. Compreende melhor o mundo através da emoção. E deseja, acima de tudo, um homem emocionado. Homens, emocionem-se. Emocionem-se o mais depressa possível. Emocionem-se, pelo amor de Deus". (TAVARES, 1986)*

O rápido envelhecimento demográfico mundial da modernidade promove novas representações familiares, sociais e políticas. Desbravar as diferentes formas como as mulheres velhas são descritas nas variadas culturas e áreas do conhecimento, inclusive nas literaturas produzidas pelas próprias mulheres (autobiografias), significa levantar as evoluções e os retrocessos das relações humanas no trato com a velhice e seus determinismos. A acuidade da sensibilidade artística sempre sentiu o caráter movediço da individualidade humana, essa não se definindo de uma vez por todas, mas antes reconhecendo-se no conjunto das facetas que compõem uma obra. (MAFFESOLI, 1996).

Testemunhamos os progressos tecnológicos e científicos que retardaram a morte e prolongam a velhice, mas concomitantemente, suscitaram novos desafios para o exercício pleno dessa nova reconfiguração social. Um dos desafios impostos na modernidade é a luta travada pelas mulheres velhas contra a força bruta do esteticismo excludente aliada a violência contra o sensível e existencial de cada ser humano.

As demandas para e através dos afetos na velhice estão por todas as partes. Fragmentos do conto de Lispector utilizado neste trabalho ilustra alguns prismas refletidos pelo espelho de uma mulher velha na solidão buscando a identidade perdida. Afinal, os sentimentos não são “coisas de mulheres” - segregação epistemológica - são universais e ganham incessantemente importâncias políticas, sociais e culturais. Se “Ninguém pode estar na flor da idade, mas cada um pode estar na flor da sua própria idade” conforme palavras do poeta brasileiro Mario Quintana (1906-1994) façamos dos bons afetos o melhor adubo para o florescer em todas as idades.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. (1970 [2018]). “A velhice.” Tradução Maria Helena Franco Martins. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BRUM, Eliane. “Me chamem de velha.” (Publicado na Revista Época em 20/02/2012) <http://elianebrum.com/opiniao/colunas-na-epoca/me-chamem-de-velha/>

CAMARANO, Ana Amélia & Pasinato, Maria Tereza. “O Envelhecimento Populacional na Agenda das Políticas Públicas. Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?” / Organizado por Ana Amélia Camarano. - Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Arq\\_29\\_Livro\\_Completo.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Arq_29_Livro_Completo.pdf)

DEBERT, Guitta Grin. "A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento." São Paulo: Fapesp, 1999

FURTADO Carlos Sá. "Velhice e Sociedade – Uma Excursão pela História. Lâpis de Memória." 2018.

HEMMINGS, Clare. "Contando histórias feministas." Revista Estudos Feministas [online]. 2009, v. 17, n. 1 [Acessado 26 Janeiro 2023], pp. 215-241. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100012>>. Epub 24 Ago 2009. **ISSN 1806-9584**.

HEMMINGS, Clare (2005). "Invocando o afeto: teoria cultural e a virada ontológica. Estudos culturais", INVOKING AFFECT, Cultural Studies, 19:5, 548-567 Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09502380500365473>

KACHAR, Vitória. Terceira idade e informática: aprender revelando potencialidades. São Paulo: Cortez, 2003

LERNER, Gerda. "A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens." Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LISPECTOR, Clarice. "Todos os Contos." Org. Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2016.

LORDE, Audre. Irmã outsider: ensaios e conferencias. Belo Horizonte: Autentica, 2019.

MAFFESOLI, Michel. "No Fundo das Aparências": tradução de Berthta Halpern Gurovitz. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1996.

PATEMAN, Carole. "O Contrato Sexual". São Paulo, Paz e Terra, 1993. [Tradução de Marta Avancini].

SARTI, Cynthia A. A velhice na família atual. Acta Paul Enferm. v. 14, n. 2, p. 91-96, fev. 2001.

SCOTT, Joan W. "Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica." Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

\_\_\_\_\_. "La citoyenne paradoxale: les féministes françaises et les droits de l'homme." Paris: Albin Michel, 1998.

SOIHET, Rachel. "Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários." Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 591-612, set.-dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/2X0VJIH>. Acesso em: 17 janeiro de 2022.

SOLANA, Mariela; Vacarezza, Nayla Luz. "Relecturas feministas del giro afectivo". Revista Estudios Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 2, e72448, 2020

STERN, Daniel. O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985; 1992

TAVARES, Neila. Entrevista ao Jornal do Brasil em 30/11/1986.

THANE, Pat. "Social Histories of Old Age and Aging." *Journal of Social History*, vol. 37, no. 1, Oxford University Press, 2003, pp. 93–111, <http://www.jstor.org/stable/3790315>.

WALBY, Sylvia. "Theorizing Patriarchy." Oxford, Basil Blackwell, 1990.

\_\_\_\_\_. "As mulheres e a literatura". In: Idem . *A arte do romance*. Porto Alegre: L & PM Pocket, 2018.

World Economic and Social Survey. 2007. *Development in an Ageing World*. United Nations New York, 2007. Disponível em: [https://www.un.org/en/development/desa/policy/wess/wess\\_archive/2007wess.pdf](https://www.un.org/en/development/desa/policy/wess/wess_archive/2007wess.pdf)